



Análise sobre a dinâmica dos homicídios dolosos em Cuiabá/MT (2011-2015)

Francisco Xavier Freire Rodrigues¹

RESUMO

O artigo analisa resultados colhidos em uma pesquisa sobre crimes de homicídios dolosos em Cuiabá/MT no período 2011 a 2015. As dimensões investigadas foram a identificação do perfil das vítimas e dos autores de crimes de homicídios, os bairros onde mais se concentram esta modalidade de crime, as motivações e os fatores que impulsionam a tomada de decisão dos atores do crime de homicídio doloso. A metodologia utilizada foi da pesquisa qualitativa, fazendo uso de análise de documentos (inquéritos, boletins) e entrevistas como técnicas de coleta de dados. Os resultados mostram que autores e vítimas, na maioria das vezes, pertenciam aos estratos sociais menos abastados, sendo jovens, negros e/ou pardos, do sexo masculino, com idade de 16 a 25 anos, com baixo nível de escolaridade, desempregados. Sobre as causas e fatores que motivam os homicídios, constatamos que há uma percepção generalizada que se fundamenta no aspecto socioeconômico: envolvimento com drogas, rixas, acerto de contas, álcool, a grande circulação de armas de fogo, desestruturação familiar, desemprego e situações de vulnerabilidades às quais estão expostas as vítimas e os autores. Os bairros periféricos de Cuiabá/MT concentram as maiores taxas de homicídio.

Palavras-Chave: Homicídios Dolosos, Violência, Segurança Pública.

Recebido em 13/10/2018
Aceito para publicação em 01/12/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i2.21609>

Introdução

Este trabalho analisou os resultados colhidos em uma pesquisa sobre homicídios dolosos registrados no município de Cuiabá/MT no período 2011 a 2015. As dimensões e variáveis investigadas foram a identificação do perfil das

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Professor da Universidade Federal de Mato Grosso no Departamento de Sociologia e Ciência Política. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMT. E-mail para contato: fxsociologo@yahoo.com.br.

vítimas e dos autores dos homicídios, os bairros onde mais se concentram esta modalidade de crime, as motivações e os fatores que impulsionam a tomada de decisão dos autores do crime de homicídio doloso.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou do aporte teórico de autores renomados deste campo (ZALUAR, 1998; ADORNO & SALLA, 2007; RATTON, GALVÃO, ANDRADE & PAVÃO, 2011; CERQUEIRA, 2014; BEATO & MARINHO, 2007; MISSE, 2006) e de entrevistas com os agentes sociais de segurança pública, onde buscou-se elencar a percepção dos mesmos sobre o homicídio – o que os agentes identificam como causas, motivações e perfil dos envolvidos nesta modalidade de crime.

O texto está estruturado da seguinte forma: Introdução, Percorso metodológico, Revisão da literatura: os estudos sobre homicídios, Panorama dos homicídios no Brasil e em Cuiabá/MT, Percepção social sobre homicídios dolosos em Cuiabá/MT: análise das entrevistas, Considerações finais e Referências bibliográficas.

Percorso metodológico

A pesquisa teve como campo empírico o município de Cuiabá/MT e consistiu em estudo que articulou técnicas de pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, buscando a compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa centra-se no estudo do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais “profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] A pesquisa qualitativa recebe críticas por seu empirismo, pela subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador” (MINAYO, 2001, p. 14).

A metodologia exploratória permitiu fazer a sistematização dos dados disponíveis acerca dos homicídios dolosos nos municípios estudados, possibilitando o recorte do território e da categoria pesquisada. Esta compreendeu a coleta e sistematização dos dados referentes aos anos de 2011 a 2015 sobre homicídios dolosos, por atores estatais, como delegados, as polícias civis e integrantes da sociedade civil organizada, utilizando como dados de coleta: tipos de homicídios cometidos na localidade, formas de registro em bancos de dados, categorizações e mapeamentos já disponíveis, identificação

das vítimas e dos autores, motivação, meios empregados no crime, etc. Assim, foram definidos o território com maior incidência de homicídios no município pesquisado, bem como as categorias de homicídio prevalentes para aquela localidade. Esses dados foram fornecidos pela SENASP/MJ e pelas Delegacias Especializadas em Homicídios, como a Delegacia Especializada de Homicídios e Proteção à Pessoa - DHPP-Cuiabá/MT.

Deste modo, foram entrevistados 09 agentes de segurança pública, sendo todos da DHPP (Delegacia Especializada em Homicídio e Proteção a Pessoa), através de roteiro de entrevista semi-estruturada, com gravação. Entre eles delegados, escrivães e policiais militares, onde todos assinaram o termo de livre consentimento para publicação da mesma.

Revisão da literatura: os estudos sobre homicídios

O Global Study on Homicide, publicado pelo United Nations Office on Drugs and Crimes em 2011 e 2013, apresentou números absolutos e taxas de homicídios registrados pelas agências de segurança pública e agências de saúde em diversos países do mundo. Os números podem ser considerados como o principal indicador para conhecimento e comparação dos níveis de violência em contextos nacionais e entre cidades. O relatório da Global Study on Homicide mostra que houve, em 2012, 437 mil pessoas assassinadas no mundo, sendo que os países da América Latina e Caribe foram os que apresentaram maiores índices de registros dessas mortes (33%). Outro dado relevante é que entre os 20 países mais violentos do mundo, 14 estão situados nessa parte do globo (Global Study on Homicide 2013, UNODC, United Nations publication, Sales No. 14. IV.1).

A literatura brasileira especializada mostrou que a partir da década de 1980 é que houve crescimento acelerado da violência urbana nas regiões metropolitanas do Brasil, colocando o nosso país no grupo de países com as maiores taxas de homicídios do mundo (ZALUAR, 1998; ADORNO & SALLA, 2007).

Ratton, Galvão, Andrade e Pavão (2011, p. 73) procuram explicar o homicídio como manifestação especial da criminalidade violenta a partir do modelo teórico que sugere uma análise configuracional dos homicídios. Afirmam que “a compreensão do homicídio está atrelada ao tratamento do mesmo como um fenômeno social complexo, o qual necessita de uma interpretação holística, que no processo de explicação articule as características

de vítimas, de acusados e os elementos situacionais”.

A análise configuracional procura identificar, com base em situações particulares de cada homicídio, a ocorrência e manifestação de uma configuração predominante, de um padrão que precisa ser definido no tempo, no espaço e dentro de subgrupos, como gênero, etnia, faixa etária e motivações (MIETHE & REGECZI, 2014).

O modelo analítico referido acima procura acessar aspectos estruturais e processuais da estrutura da situação de homicídios a partir da identificação de um conjunto de variáveis. As variáveis devem contemplar as características do autor e da vítima do homicídio, tais como idade, sexo, renda, raça e elementos da situação do ocorrido, como a motivação do crime, a relação da vítima com o autor, o tipo de arma utilizada, presença de álcool, drogas, número de observadores do crime, hora e ambiente do crime (rua, casa, bar, etc.).

Este modelo difere dos estudos tradicionais de homicídios, os quais se concentram especialmente na relação entre variáveis individuais (traços dos autores e das vítimas). O homicídio é visto e tratado como um padrão de comportamento individual. Centram-se na busca da explicação do porquê determinadas pessoas estão mais dispostas ao comportamento violento do que outras, ao destacar as características do ofensor. Negligenciam o fato de que determinadas situações de homicídios são mais comuns do que outras e não dão conta de explicar eventuais mudanças no tempo e no espaço das situações de homicídios (RATTON, GALVÃO, ANDRADE & PAVÃO, 2011, p. 74).

Nos últimos 20 anos o debate sobre a violência e a criminalidade no Brasil cresceu consideravelmente, mobilizando pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. No caso da Sociologia, podemos dizer que as primeiras contribuições remontam aos anos de 1970. No entanto, é a nos anos 1980 que a Sociologia da Violência e do Crime começa a se institucionalizar no Brasil.

A maioria dos estudos desta época enfatizava a mudança de padrão de ocorrência de crimes, tais como aumento de furtos, roubos, sequestros, surgimento do crime organizado, aumento das taxas de homicídios nas grandes cidades do Brasil (VELHO, 1980; ZALUAR, 1985, 2004).

Lima, Misse e Miranda (2000) apontam dois polos distintos de correntes de pesquisa no debate sobre o crime e a violência no Brasil: (1) investigações que enfatizam a especificidade do crime como objeto de pesquisa e (2) as pesquisas que inserem essa especificidade do crime em uma dimensão mais abrangente da violência no âmbito da desigualdade no Brasil. Entre um destes

polos existem diversas inversas investigações (CALDEIRA, 1991; MISSE, 2006; MACHADO DA SILVA, 2004).

Temos os estudos que apontam para uma emergência de uma sociabilidade violenta (Machado da Silva, 2004), uma acumulação social da violência (MISSE, 2006) e um retrocesso civilizatório (ZALUAR, 1994). Segundo Ratton, Galvão, Andrade e Pavão (2011, p. 75), os estudos tradicionais que explicam os homicídios se sustentam basicamente em dois referenciais distintos: 1) a abordagem criminológica “cuja unidade de análise é o sujeito transgressor, que privilegiará na explicação de crimes os fatores capazes de induzir os indivíduos a transgredir a lei e a ordem estabelecidas, ou seja, concentra-se em elementos de background dos indivíduos (estruturação familiar, integração comunitária, etc.)”; 2) corrente que considera que a vítima é a unidade de análise, e procura investigar como o estilo de vida do indivíduo vitimado e as oportunidades geradas por ele influenciam no processo de vitimização.

Existem lacunas nos estudos da sociologia do crime e da violência no que diz respeito ao entendimento dos homicídios como fenômeno sociológico. Ratton, Galvão, Andrade e Pavão (2011, p. 75) sugerem que uma agenda de pesquisa poderia seguir as seguintes questões: 1) o que não se sabe sobre homicídio que com pesquisas apropriadas poderia ser apreendido? 2) o que não se saber sobre homicídios que, caso pudesse ser apreendido, poderia sofisticar consideravelmente nossa compreensão sobre a criminalidade violenta? (SMITH, 2000).

As teorias criminológicas tradicionais tendem a considerar os homicídios como um padrão comportamental. Consideram que é mais oportuno conceituar o homicídio como evento. Neste sentido, o homicídio é visto como fato social complexo que envolve um conjunto de processos, interações entre dois ou mais atores sociais em determinadas situações.

Para Ratton, Galvão, Andrade e Pavão (2011, p. 76),

[...] conceituar homicídio como um evento permitiria que elementos explicativos, até então obscurecidos, viessem à tona, possibilitando a construção de uma interpretação mais robusta do referido fenômeno. Alguns estudiosos vêm destacando, por exemplo, a relevância de contingências situacionais responsáveis por transformar uma agressão simples em homicídio. Esses elementos são

variados e podem abarcar desde o tempo e qualidade no acesso a recursos médicos até o uso de armas de fogo.

Nos estudos sobre homicídios, é importante apontar relações entre vítimas e agressores (conhecidos, desconhecidos, amigos, etc.) e as motivações (instrumentais, expressivas, etc.), além de outras categorizações envolvidas no homicídio. Não existem teorias que possa explicar e hierarquizar os diferentes pesos da relação entre os tipos de variáveis e os padrões de distribuição de homicídios.

No Brasil, a proporção de vítimas de homicídios homens tem se mantido estável desde os anos 1980, com taxas de 90 a 92%, homens jovens. Segundo Beato e Marinho (2007), na década de 1980 morriam 33 jovens para cada grupo de 100 mil vítimas por arma de fogo. Atualmente, essa taxa chega a 55 jovens a cada grupo de 100 mil vítimas. Segundo os autores, existe um padrão de mortalidade elevado de homens, jovens negros no Brasil. A morte por homicídio entre negros é muito elevada. Assim, “Negros e pardos correspondem a 36,3% da população do Sudeste, mas a 51,6% das mortes por homicídio. Na região Nordeste a diferença é ainda maior: negros e pardos correspondem a 66,28% da população e a 86,6% do total de vítimas de homicídio” (BEATO & MARINHO, 2007, p. 185).

Há também um padrão em relação ao perfil das vítimas e dos agressores, situação de ofensa e armas utilizadas nos homicídios no Brasil.

Anos 1980 houve aceleração da introdução das armas de fogo nos crimes de homicídio no Brasil, o que pode ser uma causa do aumento dos homicídios. As armas de fogo foram responsáveis por 77% dos homicídios em 2004 no Brasil, passando para 85% em capitais como Rio de Janeiro, Recife e Belo Horizonte.

O homicídio é um evento que envolve uma transação, dentro de uma dinâmica interacional que envolve pelo menos dois atores cujo resultado é letal. A modalidade criminosa tem que ser entendida a partir de uma perspectiva configuracional. Nesta perspectiva teórica, visa-se compreender as relações entre os elementos estruturais e processuais das configurações dos crimes (traços do agressor, da vítima e da ofensa).

O Relatório da Secretaria Nacional de Segurança Pública, do Ministério da Justiça intitulado “Diagnóstico dos homicídios no Brasil subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios”, publicado em 2015, destaca que:

De acordo com a literatura acerca de homicídios no Brasil, foi possível dividi-los em quatro causas principais: gangues e drogas, violência patrimonial, violência interpessoal e violência doméstica. Cada um desses fenômenos possui relações específicas com o homicídio e fatores de risco a ele associados. Em primeiro lugar, foram pesquisados e lidos trabalhos acadêmicos acerca de cada causa principal. Logo em seguida, foram propostos indicadores advindos de dados secundários que permitiriam observar os fatores de risco associados às causas principais (Diagnóstico dos homicídios no Brasil, subsídios para o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios, 2015, p. 11).

As causas principais dos homicídios no Brasil, no plano macro, seriam gangues e drogas, violência patrimonial, violência interpessoal e violência doméstica. Cabe ao pesquisador procurar elementos empíricos para verificar a influência destes fatores causadores na dinâmica concreta dos homicídios em cada caso estudado.

O referido relatório ainda menciona outras grandes causas de homicídios que são “fatores transversais a todos os homicídios, conflitos entre policiais e população e presença escassa do Estado nos territórios” (2015, p. 11).

Cerqueira (2014), Unodc (2013), Hartung (2009) apontam que determinados fatores oferecem risco de causar homicídios ou criar condições para sua concretização se comparados as macrocausas citadas acima. Estes fatores são: (1) disponibilidade de armas de fogo e (2) acúmulo de vulnerabilidades sociais.

No caso do acesso a armas de fogo no Brasil, diversos debates acadêmicos e políticas já discutiram esse tema/problema. É sabido que mais de 70% dos homicídios que acontecem no nosso país são cometidos com o uso de armas de fogo, legais ou ilegais. A letalidade e o fácil acesso a armas de fogo, em uma sociedade violenta, potencializam o risco de que conflitos de diversas dimensões finalizem em mortes. Nas palavras de Cerqueira (2014, pp. 57-59):

[...] a proliferação da arma de fogo parece ter sido o fator mais importante para explicar o aumento dos homicídios na década de 1990. (...) 1991/2000 - Aumento de 33,3% na demanda por armas resultou em aumento de

44 pontos % na taxa de homicídios. Redução de 29,5% no consumo de drogas ilícitas resultou em redução de 7,6 pontos percentuais na taxa de homicídios.

Em relação ao fator vulnerabilidades econômicas e sociais, estudiosos argumentam que são aspectos causadores de conflitos e violência (também de homicídios).

[...] argumentamos como o aumento da violência letal na década de 1980 esteve associado às grandes mazelas socioeconômicas vividas, refletidas na estagnação da renda e no aumento paulatino da desigualdade social, que suplantaram um combalido sistema de segurança pública (CERQUEIRA, 2014, p. 16).

Aspectos como desigualdade social, escassez no acesso aos bens necessários à cidadania, como saúde, educação, segurança, assistência social, etc. contribuem certamente com o aumento das taxas de criminalidades nas diferentes regiões do país.

Panorama dos homicídios em Cuiabá/MT

A história de Cuiabá diz que esta era um povoado fundado entre 1673 e 1682 por Manoel de Campos Bicudo nas proximidades do Rio Coxipó, mais precisamente onde o Rio Coxipó deságua no Rio Cuiabá (SIQUEIRA, 2002).

A economia de Cuiabá somente se desenvolveu após a Guerra do Paraguai, quando as navegações voltavam pelos rios Paraguai, Cuiabá e Paraná. A economia se baseou na cana-de-açúcar e no extrativismo, mas em 1930 a cidade ficou novamente estagnada.

Entre 1970 e 1980, Cuiabá voltou a crescer com serviços e infraestrutura. O agronegócio se expandiu fortemente e a partir daí a cidade passa a se modernizar e a se industrializar. A partir de 1990, o turismo começou a ser fonte de renda e a cidade passou novamente a crescer (SIQUEIRA, 2002).

A população de Cuiabá é de 575 480 habitantes de acordo com estimativa de população realizada em 2014 pelo Instituto Brasileiro de

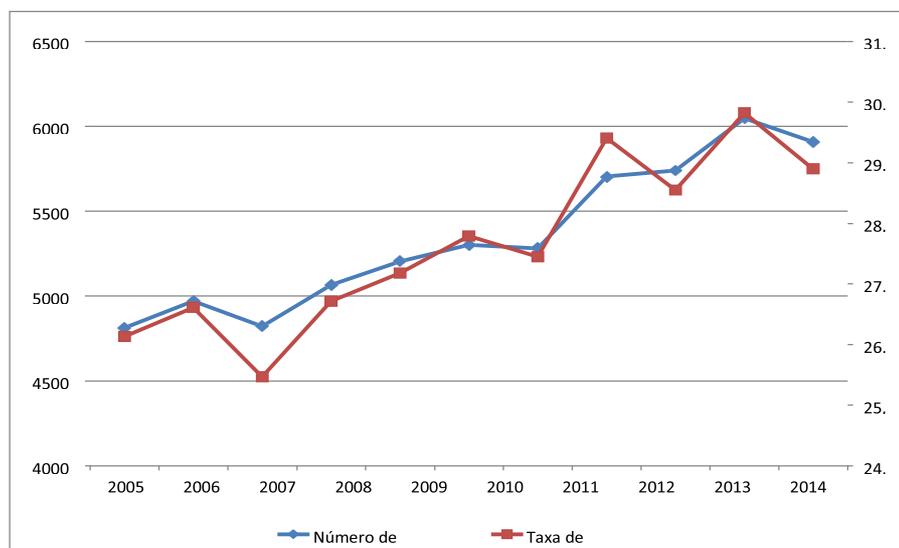
Geografia e Estatística. O número de eleitores em maio de 2012 era de 402 751, representando 18,596% do total de eleitores do estado.

A economia de Cuiabá, hoje, está concentrada no comércio e na indústria. No comércio, a representatividade é varejista, constituída por casas de gêneros alimentícios, vestuário, eletrodomésticos, de objetos e artigos diversos. O setor industrial é representado, basicamente, pela agroindústria. Muitas indústrias, principalmente aquelas que devem ser mantidas longe das áreas populosas, estão instaladas no Distrito Industrial de Cuiabá, criado em 1978. Na agricultura, cultivam-se lavouras de subsistência e hortifrutigranjeiros (SIQUEIRA, 2002).

Os dados consolidados do IPEA no Atlas da Violência 2017 mostram que o Brasil passou de 30 homicídios a cada 100 mil habitantes em 2016. No ano de 2016, 62.517 pessoas foram assassinadas no Brasil, o que equivale a uma taxa de 30,3 mortes para cada 100 mil habitantes. Os dados são do Ministério da Saúde, estão disponíveis no Atlas da Violência 2017, apresentado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Verificamos que a taxa de homicídios no Brasil corresponde a 30 vezes a da Europa, e o país soma 553 mil pessoas assassinadas nos últimos dez anos (<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/06/total-de-mortes-violentas-no-brasil-e-maior-do-que-o-da-guerra-na-siria.shtml>).

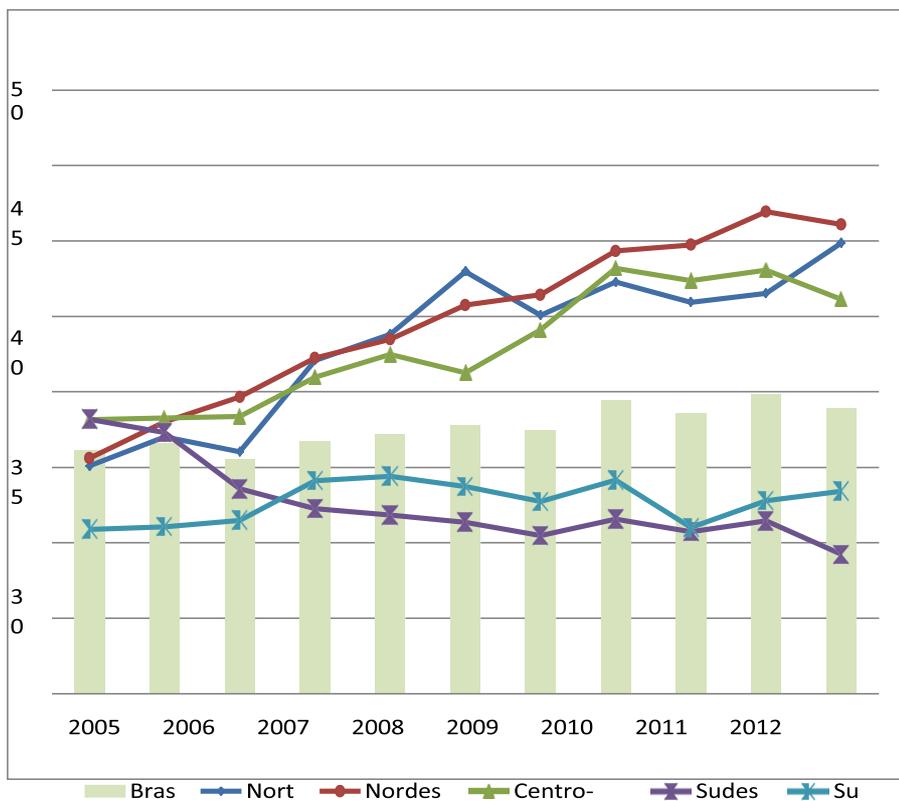
Gráfico 1 - Homicídios no Brasil, 2005 a 2015



Fonte: Atlas da Violência 2017 (p. 7).

O Gráfico 1 mostra a evolução acelerada dos homicídios no Brasil, e revela que em 2015 ocorreram 59.080 homicídios no nosso país – o que corresponde a uma taxa 28,9 homicídios por 100 mil habitantes. Os dados sobre os homicídios consolidam uma alteração de patamar nesse indicador (na ordem de 59 a 60 mil casos por ano), e se distancia das 48 mil a 50 mil mortes, ocorridas entre 2005 e 2007.

Gráfico 2 - Taxa de Homicídio no Brasil e Regiões, 2005 a 2015



Fonte: Atlas da Violência 2017, p. 9.

Os dados mostram que a evolução das taxas de homicídios no Brasil se dá de forma diferenciada entre as regiões. O Atlas da Violência 2017 indica que houve de fato uma diminuição das taxas de homicídios na região Sudeste (que concentrava os estados mais violentos até a década de 1990), tendo uma relativa estabilidade na região Sul e um significativo crescimento nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, p. 7).

Em Mato Grosso, os homicídios tiveram a seguinte evolução: em 2005 foram registrados 907; em 2006 foram 896; 2007 – 889; 2008 – 937; 2009 – 1000; 2010 – 972; 2011 – 1009; 2012 – 1074; 2013 – 1158; 2014 – 1358 e 2015-1203.

O caso do estado de Mato Grosso é bem crítico, no que diz respeito a violência, pois apresenta uma média de homicídios acima do nacional. No período de 2001 a 2010, 26,031 mil pessoas foram vítimas mortais de “causas externas” no Estado, os números de homicídios representam 9,283 desse total².

Os dados do Atlas da Violência 2017 indicam que em algumas Unidades da Federação houve diminuição na taxa de homicídios depois de 2010. Os estados de Espírito Santo (27,6%), Paraná (23,4%) e Alagoas (21,8%) conseguiram as maiores taxas de redução dos homicídios. Por outro lado, alguns estados tiveram acentuado crescimento das taxas entre 2010 e 2015, que são eles: Sergipe (77,7%), Rio Grande do Norte (75,5%), Piauí (54,0%) e Maranhão (52,8%).

A Tabela 1 apresenta dados referentes ao número de homicídios a cada mês, nos anos de 2011 a 2015, em Cuiabá/MT. Mesmo que tenha uma certa oscilação entre os anos considerados, a média é de 225 homicídios por ano na capital de Mato Grosso. Trata-se de um número bastante elevado. Verificamos que as maiores médias de homicídios acontecem nos meses de março, novembro e abril.

Tabela 1. Homicídios por mês/ano em Cuiabá-MT de 2011 a 2015.

| MÊS /ANO | Quadro 01 – HOMICÍDIOS POR MÊS EM CUIABÁ-MT | | | | | |
|-----------|---|------|------|------|------|-------|
| | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | Média |
| Janeiro | 16 | 14 | 12 | 15 | 22 | 15,8 |
| Fevereiro | 9 | 12 | 16 | 19 | 14 | 14,0 |
| Março | 27 | 26 | 20 | 21 | 18 | 22,4 |
| Abril | 17 | 24 | 13 | 27 | 25 | 21,2 |
| Maiο | 15 | 21 | 16 | 18 | 12 | 16,4 |
| Junho | 27 | 19 | 13 | 15 | 23 | 19,4 |

² VIEIRA, Edmar Augusto. Violência: mortalidade por causas externas em Mato Grosso. ET CAV/SP/SEPLAN n° 17/2016.

| | | | | | | |
|--------------|------------|------------|------------|------------|------------|--------------|
| Julho | 19 | 14 | 9 | 13 | 32 | 17,4 |
| Agosto | 17 | 12 | 18 | 23 | 9 | 15,8 |
| Setembro | 25 | 17 | 24 | 23 | 17 | 21,2 |
| Outubro | 24 | 22 | 16 | 25 | 16 | 20,6 |
| Novembro | 16 | 15 | 24 | 27 | 29 | 22,2 |
| Dezembro | 20 | 18 | 21 | 19 | 14 | 18,4 |
| TOTAL | 233 | 214 | 202 | 245 | 231 | 225,0 |

Fonte: Boletins de Ocorrências Policiais PM-MT, 2014/2015.

Os números de homicídios de jovens de 14 a 29 anos no Brasil superam países em conflito armado³. As taxas de mortalidade por violência entre pessoas com idade entre 19 aos 21 superam a média de 100 óbitos por 100 mil/hab. O crescimento percentual de mortes por homicídios de 1980 a 2011 atinge 132,1, o que é um índice muito elevado.

Entre 2005 e 2015, observou-se um aumento de 17,2% na taxa de homicídio de indivíduos entre 15 e 29 anos. Mais de 318 mil jovens foram assassinados entre 2005 e 2015 (ATLAS DA VIOLÊNCIA 2017, p. 25). Conforme o Atlas da Violência 2017 (2017, p. 25),

Em 2015 foram 31.264 homicídios de jovens entre 15 e 29 anos, uma redução de 3,3% na taxa em relação a 2014. Analisando a dinâmica da violência letal contra jovens nas Unidades Federativas, verificamos um quadro bastante heterogêneo, assim como apontado nas seções anteriores. Enquanto em São Paulo houve uma redução de 49,4%, nesses onze anos, no Rio Grande do Norte, por outro lado, o aumento da taxa de homicídio de jovens foi de 292,3%.

Os homens jovens continuam sendo as principais vítimas de homicídios: mais de 92% dos homicídios acometem essa parcela da população.

³ WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2014: homicídios e juventude no Brasil. Secretária-geral da Presidência da República; Secretaria Nacional de Juventude; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília, 2014.

Diante disso, encontra-se a real necessidade de buscar as causas dos homicídios para que se possa agir a respeito do problema, especialmente por meio de elaboração e realização de políticas públicas voltadas para a segurança. Faz-se preciso, portanto, o estudo sobre os índices, ademais, sobre a dinâmica social que rege os autores dos homicídios em diferentes localidades.

Deste modo, conforme Boselli (2008), é imprescindível que se pense na administração da segurança pública que, como aponta, não é gerida e executada pelos municípios. O que resulta em planejamentos sem a participação da comunidade e dos governos municipais, conseqüentemente sem soluções específicas conforme as características locais. O autor também aponta as diversas dinâmicas aliadas aos índices de violência e criminalidade, conforme abaixo:

Em países como o Brasil, onde não há guerra ou conflitos armados, mas existem altos índices de mortes por armas de fogo, acredita-se que violência está diretamente relacionada com a pobreza, a concentração de renda, a má organização e corrupção no aparato de segurança pública e a muitos outros fatores primários, secundários e terciários (BOSELLI, 2008, p. 01).

Associada a isto, Adorno (2002), discorre que o problema central é a gestão da Segurança Pública que não é gerida ou executada pelos municípios, nem adaptada conforme a situação de cada. Mas, conforme a necessidade do estudo geral da União ou dos Estados da Federação. Analisa-se que a violência tem precedentes de distribuição espacial das condições de vida e infraestrutura urbana, ou mesmo à direitos sociais fundamentais negados. Algo que suscita o questionamento sobre o exercício ou não da cidadania democrática na sociedade brasileira contemporânea.

É importante lembrar que algumas Unidades da Federação, considerando o crescimento acelerado das taxas de modalidade violenta, implementaram, como prioridades de seus governos, planos e ações voltados para a redução de sua incidência. Podemos mencionar aqui algumas políticas de segurança pública, como o “Pacto Pela Vida”, em curso no estado de Pernambuco, desde 2007; “Programa Estado Presente: Em defesa da Vida”, implementado no Espírito Santo em maio de 2011; “Pacto Pela Vida da Bahia”, lançado em junho de 2011; “Paraíba Unida Pela Paz”, implementado há três anos e meio pela Secretaria de Segurança e Defesa Social; “Viva Brasília,

Nosso Pacto pela Vida”, lançado em julho de 2015 e “Pacto por um Ceará Pacífico”, lançado em agosto de 2015.

No âmbito federal, o Governo, por meio do Ministério da Justiça, entre os anos de 2011 e 2014, aportou recursos para o enfrentamento da violência letal, através do Programa Brasil mais Seguro.

A dinâmica da violência no Brasil trata-se não mais de concentração apenas nas regiões metropolitanas (RM’s) ou capitais. A partir dos anos 1999 o interior supera as capitais nas taxas de crescimento da criminalidade. Os fenômenos da “interiorização” e “disseminação da violência” levaram-na para as pequenas cidades e as chamadas cidades rurais. Isso se deu por alguns fatores; quedas significativas em Estados com maior peso estatístico (devido o número da população) e demográfico, como Rio de Janeiro e São Paulo; e aumentos em demais estados com peso estatístico menor. Deste modo:

[...] essa reorganização obedece a algumas lógicas de aglomeração, com a presença de claros efeitos de contágio e a formação de clusters de homicídios em áreas que nos últimos anos apresentaram algum dinamismo econômico ou reorganização do espaço em virtude de mudanças em suas formas de usos e funções (ANDRADE & DINIZ, 2013, p. 183).

O fenômeno da violência se configura em processo diversificado do crime, anterior ao estabelecido no Código Penal como tal. Assim, considerado socialmente normal para Durkheim (1978), o fenômeno do crime, por não ser um fenômeno patológico representa uma ruptura com o consciente coletivo, razão à qual sofre pena pela lei penal.

Visto que o homicídio é dado como crime segundo o artigo 121, do Código Penal Brasileiro; como ato ou ação matar alguém. O homicídio doloso, também conhecido como dolo direto, é aquele que o indivíduo ao praticar tal ação tinha como intuito ou assumiu o risco de matar alguém – previsto no pelo mesmo artigo como crime.

Deste modo, para melhor compreensão sobre a dinâmica social referente aos homicídios no município de Cuiabá/MT, apresentamos a seguir as análises das falas/depoimentos coletados através de entrevistas com os profissionais de segurança pública da DHPP; delegados, policiais militares e escrivães.

Percepção social sobre homicídios dolosos em Cuiabá/MT: análises das entrevistas

1. Perfil das Vítimas dos Homicídios

Ao serem questionados sobre o “Estereótipo das vítimas”, os agentes de segurança pública responderam acreditar não haver um estereótipo, mas apontaram a existência de um perfil definido das vítimas.

Segundo dados disponibilizados pela/da Delegacia Especializada de Homicídios e Proteção à Pessoa DHPP⁴, das 231 pessoas que foram a óbito no município de Cuiabá-MT no ano de 2015 por homicídios, a maioria; ou seja, 208 eram homens, 62 eram jovens entre 18 a 24 anos, 154 da Cor/Raça Parda – o que condiz com a fala dos agentes. Os dados não apresentaram variação relevante nos anos que se antecederam e no que se segue (2016). Este é o perfil que se encontra na literatura especializada (GAWRYSZWSKI et al., 2012; PERES, 2008; SOARES FILHO, SOUZA, WASELFISZ, 2012; 2014; BEATO & MARINHO, 2007), e no próprio Atlas da Violência 2017 (2017, p. 25), quando revela que os homens jovens continuam sendo as principais vítimas: mais de 92% dos homicídios acometem essa parcela da população. Entre 2005 e 2015, mais de 318 mil jovens foram assassinados no Brasil.

Segundo dados disponibilizados pela/da DHPP⁵ das 231 pessoas que foram em óbito no município de Cuiabá-MT no ano de 2015 por homicídios, a maioria é do sexo masculino⁶, jovens entre 18 a 24 anos⁷, da Cor/Raça Parda⁸ – o que condiz com a fala dos agentes. Os dados não apresentaram variação relevante nos anos que se antecederam e no que se segue (2016). Foram registrados 208 homicídios de homens e 23 de mulheres. Em relação a faixa etária das vítimas de homicídios, temos a seguinte distribuição: faixa etária de 13 a 17 anos - 12 homicídios; faixa de 18 a 24 anos – 62; faixa de 25 a 29 anos – 38; faixa etária de 30 a 35 anos – 31; faixa etária de 36 a 46 anos – 37; faixa

⁴ Boletim de Acompanhamento Anual dos Crimes de Homicídios em Cuiabá-MT, Janeiro a Dezembro de 2015. Estado de MT/Sesp-MT/SIAC.

⁵ Boletim de Acompanhamento Anual dos Crimes de Homicídios em Cuiabá-MT, Janeiro a Dezembro de 2015. Estado de MT/Sesp-MT/SIAC.

⁶ Conforme apresentado no Gráfico 01.

⁷ Demonstrado no Gráfico 02.

⁸ Conforme Gráfico 03.

etária de 46 a 59 anos – 13; faixa etária acima de 60 anos – 03 e 33 homicídios sem a declaração da faixa etária. No que se refere à cor das vítimas, 154 foram de pardos, 29 negros, 16 brancos e 32 homicídios sem a cor informada (Boletins de Ocorrências Policiais PM-MT e PJC-MT, 2015).

A seguir as falas e análises serão apresentadas através de tópicos que correspondem ao objetivo principal das perguntas feitas aos entrevistados. Perfil sociocultural das vítimas em Cuiabá/MT:

Sim, aquela velha máxima que são negros, pobres, né, periféricos [...] Adolescentes (Entrevistado E).

As vítimas de homicídio, a grande maioria delas, elas residem e até mesmo trabalham nas zonas periféricas das cidades – tanto Cuiabá como em Várzea Grande. São bairros mais humildes em que a população enfrenta uma maior carência de recursos do poder público, como: iluminação, água, esgoto. Essas são as regiões onde ocorrem a maioria dos homicídios (Entrevistado D).

Andarilhos, pessoas do sexo masculino, pardas, de 18 a 24 anos. (Entrevistado A).

A Maioria são homens, negros e Jovens, eles geralmente têm menos de 30 anos. São negros e homens. (Entrevistado B).

Os entrevistados apontam que as vítimas dos homicídios são geralmente homens, jovens, de cor parda, com baixo nível de escolaridade e pertencentes as camadas populares. Pesquisas mostram que de cada 100 pessoas que sofrem homicídio no Brasil, cerca de 71 são negras (CERQUEIRA & COELHO, 2017).

No período de 2005 a 2015, a proporção entre as taxas de homicídio de negros e não negros, apresentou uma variação significativa, com aumento de 34,7% entre os negros.

Segundo o Atlas da Violência 2017 (2017, p. 31):

De fato, ao se analisar a evolução das taxas de homicídios considerando se o indivíduo era negro¹⁶ ou não, entre 2005 e 2015, verificamos dois cenários completamente distintos. Enquanto, neste período, houve um crescimento de 18,2% na taxa de homicídio de negros, a mortalidade de indivíduos não negros diminuiu 12,2%. Ou seja, não apenas temos um triste legado histórico de discriminação pela cor da pele do indivíduo, mas, do ponto de vista da violência letal, temos uma ferida aberta que veio se agravando nos últimos anos.

As variáveis apontadas acima nas entrevistas e coletadas por meios de análises de boletins e inquéritos policiais são as mais frequentemente utilizadas pela literatura especializada (sexo, idade, cor, escolaridade, etc.), e são relevantes para interpretação das causas da criminalidade (BEATO & MARINHO, 2007; SOARES, 2008).

2. Perfil dos autores de crimes de homicídios

O perfil dos autores dos crimes de homicídios é muito parecido com o das vítimas. Na maioria das vezes, aos autores são homens, jovens, idade de 15 a 29 anos, negros e pardos, solteiros, com baixo nível de escolaridades e residentes em bairros periféricos dos centros urbanos (RATTON, GALVÃO, ANDRADE & PAVÃO, 2011; BEATO & MARINHO, 2007).

Características em comum entre os autores de homicídio, sim. Até se tornar, né... já o que foi mencionado. Os bairros... são os bairros periféricos, né. Que é o maior índice de homicídios são nos bairros periféricos (Entrevistado A).

Como eu já respondi lá na anterior, não. Não tem. Tem características em comum, qual é a característica muito comum entre os autores de homicídio; são todos envolvidos em crimes ou em tráficos, ou em roubos, em

assalto, em favorecimento da prostituição, mas em todos esses outros crimes porque são pessoas criminosas. Tanto a maioria das vítimas, como todos os autores são envolvidos em diversos tipos de crimes. Por isso que eles matam, que eles morrem, mas não porque eles residem em tal bairro ou residem em tal bairro e lá é desprovido de escola, é desprovido de infraestrutura que ele seja um potencial criminoso, não. Não é por conta disso não (Entrevistado B).

Os entrevistados destacam que o perfil dos autores dos crimes de homicídios segue o padrão presente nas regiões mais violentas das cidades e indicam que são pessoas jovens, envolvidas com tráfico de drogas, roubos e residentes em regiões pobres sujeitos às diversas formas de vulnerabilidades sociais, conforme mostra a literatura especializada (CERQUEIRA, 2014).

Sim, é, é como eu disse nos bairros periféricos a probabilidade de acontecer um crime de homicídio é maior porque o crime de homicídio sempre tem alguma motivação anterior, seja por uma dívida de droga, uma ameaça ou algo assim. Então não quer dizer que aquela região é perigosa, quem é perigosa são as pessoas, então, infelizmente, nesses bairros mais periféricos tem as pessoas que já tem envolvimento com os crimes desde cedo e que acabam cometendo esses crimes naquela mesma região onde tem um amigo ou inimigo ou disputa por ponto de droga e, normalmente, vai ser nessas regiões periféricas. Mas não é uma ciência exata, isso pode acontecer em qualquer lugar, qualquer lugar do mundo (Entrevistado C).

É importante apontar que existem interações entre as vítimas e os autores de homicídios. Residem em regiões próximas ou no mesmo bairro, são conhecidos ou amigos, parentes, entre outros aspectos. Rattón, Galvão, Andrade e Pavão (2011, p. 84) mostram que o padrão de interação entre vítimas e indiciados por crimes de homicídios, 50,8% eram conhecidos, 19,5% eram

amigos, 15,5% inimigos, 1,6% tinham relações amorosas, 0,8% envolvendo parentes e 11,7% eram desconhecidos, dos casos de homicídios analisados em Recife/PE, entre 2002 e 2007.

3. *Regiões que concentram maiores taxas de homicídios*

As taxas altas de homicídios em favelas e bairros pobres e carentes são elucidadas pelo baixo nível/grau de eficácia coletiva nesses locais, criando um conjunto de incentivos ao crime. As pesquisas apontam/destacam outros fatores relacionados à injustiça social: pobreza, desvantagens econômicas, escassez de serviços de segurança pública e o desrespeito aos de direitos civis seriam fatores/elementos correlatos que respondem pelos elevados índices de homicídio em favelas e bairros das periferias urbanas (PERES et al., 2008). Podemos dizer que as pesquisas baseadas nos estudos ecológicos em escala mais extensa procuraram esclarecer os processos de interiorização e disseminação dos homicídios na última década em nosso país. Tais investigações apontam que novos polos de desenvolvimento atraem a criminalidade (WAISELFISZ, 2012; 2014).

Conforme os dados disponibilizados pela DHPP, o número de homicídios é maior em bairros periféricos. Em 2015, com maior percentual, 9,96 dos homicídios foram no bairro Pedra Noventa – bairro considerado periférico da capital de Mato Grosso.

Há uma certa migração em Cuiabá nos bairros Pedra 90, Jardim Vitória, Dr. Fábio, Novo Paraíso, e em Várzea Grande, na Grande Cristo Rei e São Mateus, mas esses crimes migram, há meses em que incidem em um bairro ou em outro. (Entrevistado C).

Em Cuiabá, Pedra 90, Morada da Serra, Jardim Vitória, Novo Paraíso, Tijucal, Nova esperança, Distrito Industriário, e em Várzea Grande, São Mateus, Mappin, Cristo Rei, Jardim Maringá, Novo Mato Grosso, Jardim Glória e Jardim Marajorara I e II. Sobre esses bairros, há de se esclarecer algumas particularidades; Pedra 90,

com um número de 15 homicídios, é contíguo a outros bairros que apresentam número de homicídios semelhantes como Jardim industrial e Nova Esperança. Se somarmos os bairros, o número aumenta muito, cerca de 30, o mesmo ocorre em Várzea Grande. Todos com a mesma característica, são periferias, a estrutura é precária e isso contribui (Entrevistado A).

O número de homicídios é maior em bairros periféricos. Em 2015, com maior percentual, 9,96 dos homicídios aconteceram no bairro Pedra Noventa – bairro considerado periférico, um total de 23 ocorrências. No bairro Morada da Serra foram registrados 7 homicídios naquele ano e 6 no bairro Primeiro de Março, segundo dados da Polícia Judiciária Civil de Mato Grosso.

Os bairros periféricos concentram as maiores ocorrências de homicídios em Cuiabá/MT, conforme Tabela 3, sendo eles Pedra Noventa e Morada da Serra.

Segundo o depoimento:

Sim, é, é como eu disse nos bairros periféricos a probabilidade de acontecer um crime de homicídio é maior porque o crime de homicídio sempre tem alguma motivação anterior, seja por uma dívida de droga, uma ameaça ou algo assim. Então não quer dizer que aquela região é perigosa, quem é perigosa são as pessoas, então, infelizmente, nesses bairros mais periféricos tem as pessoas que já tem envolvimento com os crimes desde cedo e que acabam cometendo esses crimes naquela mesma região onde tem um amigo ou inimigo ou disputa por ponto de droga e, normalmente, vai ser nessas regiões periféricas. Mas não é uma ciência exata, isso pode acontecer em qualquer lugar, qualquer lugar do mundo (Entrevistado F).

Como a gente disse agora há pouco. As regiões periféricas nos bairros mais humildes são onde ocorrem os maiores números de homicídios. Falta, como eu disse, educação, falta saúde, falta segurança, falta, sobretudo,

uma presença maior do poder público em todas as esferas: municipal, estadual, federal. Consequentemente, a falta desses recursos estatais, acaba por gerar uma população uma comunidade mais carente, com menos condições financeiras, com menos condições educacionais e que não tem as mesmas qualidades – vamos dizer assim – das pessoas que possuem esse tipo de recurso. Então, acaba acontecendo os bolsões em determinadas regiões, em determinados bairros da região periférica da cidade a se você fizer um apanhado, a concentração de crime na região central é muito menor do que nas regiões mais afastadas (Entrevistado E).

Cabe aqui destacar que os habitantes das favelas e periferias, além de serem vítimas dos conflitos territoriais, possuem também um vínculo cotidiano ligado à coabitação com atores criminosos. Em outras palavras, deve-se considerar a continuidade dos vínculos vicinais nas favelas e outros locais urbanos segregados. O risco vivido pelos habitantes desses locais de serem vítimas de homicídios está justamente na contiguidade geográfica cotidiana com grupos de criminosos violentos (SILVA, 2010; SILVA & LEITE, 2007).

4. *Motivação dos crimes de homicídios*

As apurações dos dados da DHPP do ano de 2015 sobre as motivações do crime de homicídio indicam que o maior número se refere ao envolvimento com drogas ilícitas ou lícitas – o uso, a venda, ou, como mencionado, a disputa entre traficantes pelo território da venda, entre outros aspectos.

Os entrevistados apontam como fator que impulsiona a tomada de decisão dos atores do crime de homicídio doloso geralmente as drogas.

O tráfico de drogas (Entrevistado A).

Então, eu acredito que essa motivação vem de dentro da cadeia. É óbvio que um caso isolado ou outro é por uma disputa de um ponto de tráfico, ou até mesmo pelo não recebimento pela venda da droga. Eu acredito também

naquela motivação individual daquele, vamos dizer, pequeno traficante ou aquele que acabou de ingressar no mundo criminoso e quer mostrar poder, acaba cometendo homicídios aí, motivados por esses fatores (Entrevistado D).

Sim, não é um fator, né, são vários fatores. Cada caso é um caso. Então, o que pode motivar o autor do crime à cometer esses crimes é, normalmente, ou uma dívida de droga, ou é uma ameaça, ou é um corno traído, então, tem essas linhas de raciocínios sempre sempre não, noventa por cento ligado as drogas (Entrevistado C).

Os dados coletados nas entrevistas estão de acordo com a literatura especializada, segundo a qual as gangues, o consumo e o tráfico de drogas são indicados em diferentes perspectivas como potenciais determinantes de homicídios (WAISELFISZ, 2012, 2014; CERQUEIRA, 2014; DINIZ & LACERDA, 2010; CERQUEIR et al., 2005).

Olha, eu acredito que a maior parte dessa motivação vem de dentro da cadeia, e pessoas que seguem determinadas facções; vamos dar o exemplo do comando vermelho que é de conhecimento de quase todos, de que realmente existe o comando vermelho aqui na nossa capital, e eu acredito que a motivação na maioria das vezes ela vem de dentro da cadeia e as decisões também, por essas pessoas que integram esse grupo criminoso e a motivação sempre relacionada ao tráfico de drogas, se não é o tráfico de drogas é relacionado a armas que eles costumam alugar para roubos, para pratica do roubo, e se não é droga é correlacionado a arma, a roubo. E nesse comando eles não permitem que pessoas que tenha conduta voltada ao crime, não pratiquem fruto nem roubo, na região a onde moram porque se isso ocorrer, na maioria das vezes, eles são castigados, apanham bastante, e em alguns casos até chegam a perder a vida.

Então, eu acredito que essa motivação vem de dentro da cadeia. É óbvio que um caso isolado ou outro é por uma disputa aí de um ponto de tráfico, ou até mesmo pelo não recebimento pela venda da droga, eu acredito também naquela motivação aí individual daquele, vamos dizer, pequeno traficante ou aquele que acabou de ingressar no mundo criminoso e quer mostrar poder, acaba cometendo homicídios aí, motivados por esses fatores (Entrevistado B).

Os dados da investigação apontam como causas principais dos homicídios (a) o envolvimento com drogas; (b) a desestruturação da família; (c) a ausência do poder público; (c) desemprego e (d) falta de qualificação profissional. As motivações são as (1) rixas; vingança/ acerto de contas, (2) drogas e (3) homofobia. Na análise empreendida por Ratton, Galvão, Andrade e Pavão (2011, p. 85), as principais motivações são: motivo imediato (25%), reação à ameaça de morte (20%), acerto de conta/boato (16,3%), justiça privada (um terceiro presencia o crime e mata o criminoso) (7,5%), rixa (conflito anterior entre acusado e vítima leva à morte) (7,5%), tráfico (conflitos entre usuário-traficante e traficante-traficante) (6,3%), incidental (engano, bala perdida) (5,0%), crime passional (3,8%), transação criminal (3,8%), relações de negócio (1,2%), latrocínio (1,2%) e relações domésticas/familiares (1,2%).

Considerações finais

O artigo apresentou resultados de uma investigação sobre a dinâmica dos homicídios dolosos em Cuiabá/MT, no período de 2011 a 2015, tendo como material empírico dados e documentos dos Órgãos de Segurança Pública (Secretaria Estadual de Segurança Pública, Delegacias, etc.) e as informações coletadas por meio de entrevistas com profissionais da área de segurança pública.

Buscamos identificar as regiões de maior concentração de homicídios dolos em Cuiabá/MT, identificar as causas dos homicídios, apresentar um perfil dos autores e das vítimas de homicídios.

Constatamos que a violência é vista realmente como um problema multidimensional, o qual tem raízes nos processos sociais mais amplos, decorrentes da ausência do poder público na promoção de serviços de saúde, educação, emprego, renda, infraestrutura e de segurança.

Sobre as causas e fatores que motivam os homicídios, constatamos que há uma percepção generalizada que se fundamenta no aspecto socioeconômico: envolvimento com drogas, rixas, acerto de contas, álcool, a grande circulação de armas de fogo, desestruturação familiar, desemprego e situações de vulnerabilidades às quais estão expostas as vítimas e os autores. Os bairros periféricos de Cuiabá/MT concentram as maiores taxas de homicídio.

Acerca do perfil dos autores e das vítimas, podemos destacar que são, na maioria das vezes, pertencem aos estratos sociais menos abastados, sendo jovens, negros e/ou pardos, do sexo masculino, com idade de 16 a 25 anos, com baixo nível de escolaridade, desempregados, com envolvimento com tráfico de drogas.

Um dado relevante é que, segundo os os profissionais da área de segurança pública, os territórios de maior ocorrência de homicídios está estreitamente ligado ao avanço do tráfico de drogas e à ausência da estrutura do Estado nas periferias, regiões carentes de desenvolvimento econômico e social, bem como de políticas públicas de inclusão social.

São diversas as categorias necessárias para proporcionar melhor condição de vida, a partir do poder pública; creches, escolas, auxílio para famílias carentes, programas de bairro para oferecer serviços e informações sobre saúde, esgoto, aparato policial nos bairros mais violentos – de forma que o cidadão se sinta protegido, não acuado –, entre outros. Afim de que se possam trabalhar de forma conjunta para combater este tipo de crime, que tem ceifado muitas vidas ao qual em sua maioria não se encontra o autor.

Referências

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 84-135.

ADORNO, Sérgio E SALLA, Fernando. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. **Estudos Avançados**, 21, 2007, 61:7-29.

ANDRADE, Luciana T. de; DINIZ, Alexandre Magno Alves. A reorganização espacial dos homicídios no Brasil e a tese da interiorização. **Revista Brasileira Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 30, 2013, Sup., p. S171-S191.

BRASIL. **Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência e desigualdade racial 2014**. Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude, Ministério da Justiça e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília. 2015.

BEATO, Claudio e MARINHO, Frederico Couto. 2007. Padrões regionais de homicídio no Brasil. In: **Homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2007.

BOSELLI, Giane. **O homicídio nos municípios brasileiros: um retrato da geografia do crime e sua relação com os indicadores sociais**. Estudo realizado para a CNM. 2008.

<http://www.observatoriodeseguranca.org/files/Estudo%20Homic%20C3%ADdios%20nos%20Munic%20C3%ADpios%20Brasileiros.pdf>.

BUENO, S.; CERQUEIRA, D. R. C.; E LIMA, R. S. Sob fogo cruzado II: letalidade da ação policial, in **7º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, editado pelo Fórum brasileiro de Segurança Pública, 2013.

CALDEIRA, Teresa P. Direitos Humanos ou privilégios de bandidos? Desventuras da democratização brasileira. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, 30, 1991.

CERQUEIRA, D e COELHO, D. **Democracia Racial e Homicídios de Jovens Negros na Cidade Partida**. TD 2267 - IPEA, Brasília, Janeiro de 2017.

CERQUEIRA, D., COELHO, D. MORAIS, D., MATOS, M., PINTO JÚNIOR, J. e MEDEIROS, M. A singular dinâmica territorial dos homicídios no Brasil nos anos 2000. In **Brasil em desenvolvimento 2013: estado, planejamento e políticas públicas**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; editores: Rogério Boueri, Marco Aurélio Costa. - Brasília: Ipea, 2013. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_brasil_desenvolvimento2013_vol03.pdf

CERQUEIRA, D. R. C. e COELHO, D. S. C. **Redução da Idade de Imputabilidade Penal, Educação e Criminalidade**. Rio de Janeiro: Ipea, Nota Técnica Nº 15, 2015.

CERQUEIRA, D. R. C. **Causas e consequências do crime no Brasil**. ed. Rio de Janeiro - RJ - BRAZIL: BNDES, v. 1. , 2014, 196p.

CERQUEIRA, D. R. C. Mapa dos Homicídios Ocultos no Brasil. Rio de Janeiro: Ipea, set. 2011. **Texto para Discussão**, n. 1848, 2013.

CERQUEIRA, D. R. C. Mortes violentas não esclarecidas e impunidade no Rio de Janeiro. **Economia Aplicada (Impresso)**, v. 16, 2012, p. 201-235.

DIAGNÓSTICO DOS HOMICÍDIOS NO BRASIL: SUBSÍDIOS PARA O PACTO NACIONAL PELA REDUÇÃO DE HOMICÍDIOS. 2015. Cíntia Liara Engel ... [et al.]. -- Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Segurança Pública.

DINIZ, A. & LACERDA, E. Análise exploratória dos homicídios entre jovens de 15 a 24 anos na Região Metropolitana de Belo Horizonte e seu Colar, entre 1999 e 2006. **Revista Biologia e Ciências da Terra**. V. 10, número 1, 1º semestre de 2010.

DURKHEIM, E. *Emile Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1978.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA .2016. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo, ano 10, 2016.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2017. **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. São Paulo, março de 2017.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59-73, apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792010000100005&lng=en&nrm=iso>.

FELTRAN, Gabriel de Santis. O homicídio das jovens na periferia de Salvador. **Revista LEVS** (Marília), Bahia, v. 9, p. 140-160, 2012.

GAWRYSZEWSKI, Vilma Pinheiro et al. Homicídios na região das Américas: magnitude, distribuição e tendências, 1999-2009. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, Dec. 2012.

GIL, A. C. 2007. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas.

HARTUNG, G. Ensaios em Demografia e Criminalidade. Tese apresentada na Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, 2009.

IPEA, FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2016**.

Brasília: IPEA, 2016.

IPEA. **Sistema de Indicadores de Percepção Social: Segurança Pública**. Brasília: IPEA, 2010.

LIMA, Roberto Kant; MISSE, Michel; MIRANDA, Ana Paula de. Violência, Criminalidade, Segurança Pública e Justiça Criminal no Brasil: uma bibliografia. **BIB**, Rio de Janeiro, 50, 2º sem. 2000.

MACHADO DA SILVA, Luis Antônio. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. Violência urbana, segurança pública e favelas: o caso do Rio de Janeiro atual. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 23, n. 59, p. 283-300, aug. 2010.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA – SECRETARIA NACIONAL DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Diagnóstico dos homicídios no Brasil: subsídios para o Pacto Nacional de redução de homicídios**. Brasília, 2015.

MISSE, Michel. **Crime e violência no Brasil Contemporâneo: estudos de sociologia do crime e da violência urbana**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.

MIETHE, Terance D.; REGOEZI, Wendy C. **Rethinking Homicide: exploring the structure and process underlying deadly situations**. Cambridge, Uited Kingdom, 2004.

PERES, Maria Fernanda Tourinho et al. Homicídios, desenvolvimento socioeconômico e violência policial no Município de São Paulo, Brasil. **Revista Pan-americana de Saúde Pública**, v. 23, n. 4, 2008, p. 268-76.

PERES, Maria Fernanda Tourinho. Queda dos homicídios no município de São Paulo: uma análise exploratória de possíveis condicionantes. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 14, n. 4, p. 709-721, dez. 2011.

RATTON, José Luiz; GALVÃO, Clarissa e FERNANDEZ, Michelle. O Pacto pela Vida e a Redução de Homicídios em Pernambuco. **Artigo Estratégico**, Agosto, 2014.

Instituto Igarapé. Disponível em <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2014/07/artigo-8-p2.pdf>

RATTON, José Luiz, GALVÃO, Clarissa, ANDRADE, Rayne e PAVÃO, Nara. Configurações de Homicídios em Recife: um estudo de caso. **Segurança, Justiça e Cidadania**. Ministério da Justiça. Ano 3, n. 6, 2011. (O Panorama dos Homicídios no Brasil. Ministério Nacional de Segurança Pública, SENASP/MJ, 2011).

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

SILVA, Luiz Antônio Machado da; LEITE, Márcia Pereira. Violência, crime e polícia: o que os favelados dizem quando falam desses temas? **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 545- 591, dez. 2007.

SMITH, M. Dwayne. A New Era of Homicide Studies? Visions of a Research Agenda for the Next Decade. **Homicides Studies**, vol. 4, n. 1, 2000, pp. 3-17.

SOARES, Gláucio A. D. **Não Matarás: desenvolvimento, desigualdade e homicídios**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

UNODC. **Global Study on Homicide 2013**. United Nations publication: Viena, 2013.

VELHO, Gilberto. Violência e Cidadania. **Dados – Revista de Ciências Sociais**, vol. 23, n. 3, 1980, pp. 361-364.

VIEIRA, Edmar Augusto. **Violência: mortalidade por causas externas em Mato Grosso**. ET CAV/SP/SEPLAN nº 17/2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Flasco: Brasília, 2015.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça, 2012.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres no Brasil**. Flasco: Brasília, 2015.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Homicídios e juventude no Brasil: mapa da violência 2014**. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça, 2014.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: L. M. Scwarcz (ed.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998, pp. 245-318.

Analysis of the intentional homicides dynamics in Cuiabá/MT (2011-2015)

ABSTRACT

The article analyzes the results of a survey of felony homicide crimes in Cuiabá/MT in the period 2011 to 2015. The investigated dimensions were the identification of the profile of victims and perpetrators of homicide crimes, the neighborhoods where this type of homicide is most concentrated. crime, the motivations and factors that drive the decision-making of the perpetrators of the crime of willful homicide. The methodology used was qualitative research, using document analysis (surveys, bulletins) and interviews as data collection techniques. The results show that the authors and victims, most of the times, belonged to the less well-off social strata, being young, black and / or brown, male, aged 16 to 25 years, with low level of education, unemployed. As to the causes and factors that motivate homicides, we find that there is a generalized perception based on the socioeconomic aspect: drug involvement, brawls, reckoning, alcohol, large circulation of firearms, family disorganization, unemployment and situations of vulnerabilities to which victims and perpetrators are exposed. The peripheral districts of Cuiabá / MT concentrate the highest rates of homicide.

Keywords: Intentional Homicide, Violence, Public Security.